

RESUMO

O presente artigo apresenta um exercício de leitura de poemas selecionados do poeta Manuel Bandeira, tomando como referências Teóricas a teoria da leitura de Larrosa (1998) e o ensaio sobre a alegria de Rossel (2002). A alegria é tomada como uma categoria que se apresenta nestes textos do poeta brasileiro sob aspectos diferentes. Para tanto, considerarmos para a formação das almas as noções de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998) e as contribuições de parte da obra de Bandeira para desenvolver-se práticas pedagógicas em sala de aula.

Formação – alegria – leitura – poesia

I - Apresentação

“Não é preciso ninar a vida

para ser feliz dentro dela.”

(Mário de Andrade)

Este trabalho apresenta uma experiência de leitura de alguns textos da obra de Manuel Bandeira relacionada à vida cultural do período Modernista, de modo a sugerir a presença de uma "ética de alegria" na obra deste poeta, contribuição que pode ser vista como um aspecto relevante para a "formação das almas". Tal categoria apoia-se na concepção de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998).

II- Do Tema

Em "Poesia Brasileira do século XX", o professor e escritor Ítalo Mariconi ao apresentar o Modernismo e especificamente a poética de Manuel Bandeira, registra a virada do poeta, isto é, ressalta a mudança de atitude elaborada por Bandeira. Diz ele, depois de comentar que tanto Mário de Andrade, como Oswald de Andrade - formando o time de primeira ordem de fundação do movimento Modernista, antecedido por Augusto dos Anjos, - conseguiram dar

um outro tom à poesia de então, passando de um estado de melancolia para o de euforia e alegria, e sobre Bandeira arremata:

"Porém, muito antes da perspectiva de cura, Bandeira deu a virada modernista no rumo da euforia e, no poema "Pneumotórax", consegue estabelecer um modelo ético de postura diante das desgraças, substituindo a autocomiseração choraminguenta e narcisista (no sentido negativo e improdutivo) pela afirmação da alegria de viver, mesmo dentro do infortúnio. Vale lembrar que pneumotórax era um tratamento doloridíssimo".(2002:51)

Da exposição do crítico sublinho a ideia de "ética" para sugerir um aspecto importante em sua obra e que de certa maneira pode destacar o quanto a presença de Manuel Bandeira se faz afirmativa na formação de leitores e transformação destes, entre todos os motivos já conhecidos que a crítica literária a ele conferiu.

O dado "extra-literário" e biográfico sobre a doença do poeta, a tuberculose, torna-se capital para situar não só o poeta mas o intelectual na vida literária modernista e contemporânea. Sem querer justificar a obra através da vida, faz-se legítima a referência particular na medida em que ela possibilita uma comunicação entre leitores, sejam de vida e de texto.

Em "Itinerário de Pasárgada", entre as memórias, o poeta esclarece depois de ter ouvido do médico (Dr. Bodmer) no sanatório em Clavadel que poderia viver "cinco, dez, quinze anos ... ":

"Continuei esperando a morte para qualquer

momento, vivendo sempre como que provisio-

amente. Nos primeiros anos da doença me amar-

gurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada;

depois a forçada ociosidade já disse como publiquei

"A cinza das Horas" para de certo modo iludir o meu

sentimento de vazia inutilidade."

A provisoriedade parece ter dado ao poeta a abertura necessária para aceitar a própria condição, e exatamente na aceitação é que a resistência à morte fez-se possível até os 82 anos.

Em "Itinerário" Bandeira fala em coragem, paciência, humildade, alumbramento, mas também em presunção, personalidade, sentimentalismo e veleidades. Valores que se intercambiam apontando para uma (trans) formação do leitor confesso de maus e bons poetas, de modo a perceber o quanto de elaboração um poema recebe quando chega à consciência do poeta:

"Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias."
(1997:40)

Para mais adiante acrescentar:

"Mas ao mesmo tempo compreendi ainda antes de conhecer a lição de Mallarmé, que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com ideias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia." (1997:40)

Sentir(se) e conhecer(se) sugerem uma base para a experiência estética

configurar-se em obra.

Ao longo dessas memórias Bandeira vai deixando entrever ao leitor o quanto a "pequenês" das emoções subjetivas, quando aceitas, possibilitam transfigurar arrebatamentos em palavras num estado de poesia.

Nesta direção é que se pode ler uma "ética da alegria", de maneira a pontuar que a "sem razão" para vida faz manifestar a alegria de viver antecedente a qualquer influência exterior.

Em "O Exterior", ensaio da coletânea "Modos de saber, modos de adoecer" de Roberto Corrêa dos Santos, pontua-se acerca desta categoria:

"Será a cultura média a grande interessada em insistir na crença e na difusão da ideia da existência como a procura de identidade oculta e pessoal, constituída pelo que se chama de sentimento íntimo, vida interior. A arte burguesa é aquela que de algum modo crê e faz crer no interior como valor primeiro. Quanto mais o interior comanda os sentidos, menos arte (artifício)". (1999:54)

Ou de outro moço, as afecções sobre os afetos, comandando a arte burguesa. De certo jeito, enquanto Bandeira percebe-se "afeicionado", a melancolia e a ausência são traços marcantes em sua obra e sem ser linear ou progressivo a porosidade trazida pelo reconhecimento da inutilidade da vida e a certeza da morte- em algum momento ao menos - criaram brechas para a mudança de estilo passando a integrar o grupo dos modernistas.

III - Da Alegria

Em estudo sobre a alegria, Clément Rosset, filósofo, escritor, professor e autodenominado terapeuta, intitulado "**Alegria: A força maior**", com ensaio quase homônimo (A força maior) analisa o caráter totalitário e paradoxal da alegria. E para o primeiro expõe:

"Há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral." (2002:7)

Essa indiferença a um fato preciso que justifique a alegria, em realidade revela o caráter integrativo do homem alegre com a existência, sem desconsiderar as dissonâncias e os desencaixes. Oswald de Andrade, em outras palavras, em seu manifesto antropofágico declarou: "A alegria é a prova dos nove". E é nesse espírito que o Modernismo pode romper com uma tradição melancólica para dar continuidade a essa mesma tradição que buscava por vias diferentes afirmar a existência, fosse de um país, de uma cultura, de uma mentalidade, ou de uma simples manifestação local ou particular. Quanto ao caráter paradoxal da alegria desenvolve o filósofo (Rosset): "A alegria é um regozijo incondicional da existência e a propósito da existência; ora, não há nada menos jador do que a existência." (2002:22)

Ou seja, buscar qualquer "razão" para justificar a alegria de viver é insustentável, se considerarmos a provisoriedade e a sem razão da existência.

No entanto, essa atitude de aprovação incondicional não despreza os contentamentos circunstanciais, porém reconhece-lhes o aspecto finito. Deste ponto de vista, a alegria coincide com a tragicidade da vida e busca o saber e a consciência da realidade. Ora, pode-se pensar que o Modernismo em sua expressão poética buscou conhecer a realidade brasileira, ao menos aquela que parecia estar voltada para a condição de atraso cultural, investigando e escancarando os supostos motivos de uma brasilidade comedida, até mesmo dentro do monumental caráter romântico dado aos elementos constituintes de nossa cultura na forma das artes em geral, daquele momento anterior.

O desatino da "ética da alegria" em Bandeira reside no fato de, em consciente da realidade particular e social (leia-se existencial), como sua obra em diversos textos manifestou ser afirmativa de uma realidade inócua porém digna de ser poetizada, porque aceita.

IV - Da (po)ética

"A cinza das horas", seu primeiro livro, vem marcado pelo uso e abuso das reticências (- esta pouca cinza fria ... ; eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto ... ; teu corpo é chama e flameja/ como à tarde os horizontes .. .) sugestão e evocação de um vago teor melancólico, tão impreciso quanto é a alegria de viver. Também em "Carnaval" e "Ritmo dissoluto" faz-se possível perceber tal recurso como prolongamento de imagens trazidas em alguns momentos pela memória e em outros, por uma emoção renitente.

No entanto, em "Na rua do sabão", por exemplo, encontra-se a crueldade da vida na distração infantil de meninos. Crueldade que deixa à vista a crueza da

existência humana e que encontra por vezes alegria no diminuto. Transcrevo parte

do poema:

"Cai cai balão

Cai cai balão

Na Rua do sabão!

O que custou arranjar balãozinho de papel!]Quem fez foi o filho da lavadeira.

Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.] Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos ...]

(...)

Levou tempo para criar fôlego. Bombeava, tremia todo e mudava de cor. A molecada da Rua do sabão.

Gritava com maldade!

Cai cai balão!(...)"

A cantaria ressonante da cantiga popular embala dissolutamente o prazer, por parte da molecada, em tentar estragar o prazer do físico José ver seu balão subir. O poeta registra a consciência do canto não restrito ao aspecto encantatório, mas manifestação impregnada de intenções contrárias (assobios/apupos/pedradas). Contudo, ainda vê-se que são necessárias as águas puras do mar alto para de alguma maneira resistir - seja pelo balão, seja pelo próprio desejo - à plena aceitação do ritmo dissonante que é viver.

Com "Libertinagem" Bandeira muda o tom como também observou o crítico Italo Moriconi: "O movimento da tristeza para a alegria foi operado no interior da obra de Bandeira. Bandeira começou melancólico e penumbista, cultivando estados, sentimentais e semimórbidos que refletiam o espírito do século anterior (..)" (2002:50)

A morte aqui como contingência do fato de se estar vivo ("poema tirado de uma notícia de jornal"; "Profundamente"; "Irene no céu") seja por escolha, no caso do suicídio, seja por constatação, "estão todos dormindo", ou pela mobilidade em que a existência se manifesta, - Licença, meu branco!, sem fantasmagorias ou sombras, apenas na simplicidade aparente do verso livre multiplicado em diferentes acentos rítmicos.

Incluso o estranhamento que aproxima ao em vez de ameaçar, inaugurando qual o nascimento uma outra percepção da realidade, como em os "Namorados" (*A menina brincou de novo nos olhos dela*) ou ainda, reconhecendo que o fato de não se acostumar com o corpo da namorada que parece uma lagarta listrada em nada modifica o desejo de namorar, em tom bem-humorado.êstranhamento igualo marcado pelo vocativo *Antonia*, sereno e de

constatação nas duas primeiras chamadas, porém expansivo e conclusivo no último verso. "Namorados" em quem sabe como a vida, nada rima com nada, e no entanto, esse aspecto nem sempre é impeditivo de aproximações.

Já em "Pneumotórax" e "Poética" apresenta-se a efetiva libertação de qualquer peso melancólico que impeça a poesia de se manifestar, a partir da consciência de que não será uma descoberta, um recurso tecnológico ou um estímulo presumível, que possibilitará o apreço maior pela vida, então, o que resta? *É tocar um tango argentino* ou aceitar que a marginalidade dos loucos, bêbados ou clow, está carregada de dor e consciência, mesmo parecendo desatinada. Sem pieguices ou cabotinagem, Bandeira pole o verso de solenidades diante da doença, da poesia ou da religiosidade ("Oração a Teresinha do Menino Jesus") perdi o jeito de sofrer/ ou essa/ . . .! Santa Teresa!/ Santa Teresa não, Teresinha ... onde bairro de moradia e a santa são íntimos do poeta, talvez porque esteja farto do lirismo comedido que sai em busca da recompensa da eternidade. Lirismo que ficou na memória de um garoto que uma oração de coisas não entendia bem e ainda acreditava que tudo lá pareciaregnado de eternidade. "A evocação do Recife" aprovação do passado já ido e inconsciência de um presente destituído de ilusões (Recife morte, Recife bom). E do mesmo modo, "Vou-me embora pra Pasárgada" não resulta numa evasão romântica de uma vida ideal, justa e melhor, ao contrário, o deslocamento para Pasárgada situa-se num lugar de situações mundanas onde o alto é o terreno e o baixo é o conseqüente. No entanto, essa inversão irônica em relação a qualquer aproximação da evasão romântica é provida de uma métrica mais regular, marcada pela repetição ~ote vou-me embora pra pasárgada.

Mas toda essa "ética da alegria" que se manifesta em sobriedade no verso está presente com tensões, como num combate contínuo, dia após dia com as próprias contradições, "Poema de finados", Ajoelha e reza uma oração.! Não pelo pai, mas pelo filho:! O filho tem mais precisão (. . .) O que resta de mim na vida / É a amargura do que sofri. Para focalizar principalmente "Libertinagem".

Tensão que procurou nessa obra, exemplarmente, confluir o tom pessoal,

subjetivo para o oceano social de poesia, superando - não por negligência - a

desgraça individual para acolher a vida em sua pluralidade.

V - Da (trans) formação:

Ler Bandeira, sejam seus poemas, cartas, críticas, discursos, crônicas ou memórias, é perceber a provisoriedade da vida nos variados eus e vozes que onstituem e se destituem na trajetória do homem, intelectual, poeta, amigo, professor, enfim, personalidade que com humildade vai se despersonalizando, e por isso mesmo mais marcante torna-se para o leitor.

Ler Bandeira é conhecer o leitor (trans)formado pela literatura, pela vida, nas relações sentidas que promoveram sentidos vários em sua obra. É ver o inacabamento contínuo na descontinuidade entre versos e fatos.

Ler Bandeira é uma experiência desafiadora porque ética que sensibiliza para criar uma outra estética de vida. Obra que decidiu aprovar a vida e a poesia mesmo quando aquela parecia ter-lhe desaprovado. É leitura corporal por isso formadora. Leitura do corpo doente que se cura; leitura de poesia que se transfigura; leitura sobre leitura.

VI - Bibliografia

1. ARRIGUCCI Jr, Davi. Humildade, Paixão e Morte. A poesia de Manuel Bandeira.

Companhia de Letras, 1990, São Paulo.

1. BANDEIRA, Manuel. Poesia Completa e prosa.

Editora Nova Aguilar S.A, 1997, Rio de Janeiro.

1. CHAUÍ, Marilena. Seminários.

Editora Brasiliense, 2ª ed, 1994, São Paulo.

4. LAR ROSA, Jorge. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y

formación.

Barcelona, Laertes S.A. de Ediciones, 1998.

5.MORICONI, Ítalo. A Poesia Brasileira no séc. XX.

Editora Objetiva, 2002, Rio de Janeiro.

6.PAZ, Otávio. Os filhos do Barro. Do romantismo à vanguarda.

Editora Nova Fronteira, 1984, Rio de Janeiro.

7.SANTOS, Roberto Correia do. Modos de saber, Modos de adoecer.

Editora UFMG, 1999, MG.

8.ROSENBAUM, Yudith. Manuel Bandeira: Uma Poesia de Ausência.

Edusp, 2002, São Paulo.

9.ROSSET, Clément. Alegria: A Força Maior.

Relume e Dumará, 2002, Rio de Janeiro.

Manuel Bandeira e alguma poética da alegria

Angeli Rose

RESUMO

O presente artigo apresenta um exercício de leitura de poemas selecionados do poeta Manuel Bandeira, tomando como referências Teóricas a teoria da leitura de Larrosa (1998) e o ensaio sobre a alegria de Rossel (2002). A alegria é tomada como uma categoria que se apresenta nestes textos do poeta brasileiro sob aspectos diferentes. Para tanto, considerarmos para a formação das almas as noções de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa,

1998) e as contribuições de parte da obra de Bandeira para desenvolver-se práticas pedagógicas em sala de aula.

Formação – alegria – leitura – poesia

I - Apresentação

“Não é preciso ninar a vida

para ser feliz dentro dela.”

(Mário de Andrade)

Este trabalho apresenta uma experiência de leitura de alguns textos da obra de Manuel Bandeira relacionada à vida cultural do período Modernista, de modo a sugerir a presença de uma "ética de alegria" na obra deste poeta, contribuição que pode ser vista como um aspecto relevante para a "formação das almas". Tal categoria apoia-se na concepção de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998).

II- Do Tema

Em "Poesia Brasileira do século XX", o professor e escritor Ítalo Mariconi ao apresentar o Modernismo e especificamente a poética de Manuel Bandeira, registra a virada do poeta, isto é, ressalta a mudança de atitude elaborada por Bandeira. Diz ele, depois de comentar que tanto Mário de Andrade, como Oswald de Andrade - formando o time de primeira ordem de fundação do movimento Modernista, antecedido por Augusto dos Anjos, - conseguiram dar um outro tom à poesia de então, passando de um estado de melancolia para o de euforia e alegria, e sobre Bandeira arremata:

"Porém, muito antes da perspectiva de cura, Bandeira deu a virada modernista no rumo da euforia e, no poema "Pneumotórax", consegue estabelecer um modelo ético de postura diante das desgraças, substituindo a autocomiseração choraminguenta e narcisista (no sentido negativo e improdutivo) pela afirmação da alegria de viver, mesmo dentro do infortúnio. Vale lembrar que pneumotórax era um tratamento doloridíssimo".(2002:51)

Da exposição do crítico sublinho a ideia de "ética" para sugerir um aspecto importante em sua obra e que de certa maneira pode destacar o quanto a presença de Manuel Bandeira se faz afirmativa na formação de leitores e transformação destes, entre todos os motivos já conhecidos que a crítica literária a ele conferiu.

O dado "extra-literário" e biográfico sobre a doença do poeta, a tuberculose, torna-se capital para situar não só o poeta mas o intelectual na vida literária modernista e contemporânea. Sem querer justificar a obra através da vida, faz-se legítima a referência particular na medida em que ela possibilita uma comunicação entre leitores, sejam de vida e de texto.

Em "Itinerário de Pasárgada", entre as memórias, o poeta esclarece depois de ter ouvido do médico (Dr. Bodmer) no sanatório em Clavadel que poderia viver "cinco, dez, quinze anos ...":

"Continuei esperando a morte para qualquer
momento, vivendo sempre como que provisio-
amente. Nos primeiros anos da doença me amar-
gurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada;
depois a forçada ociosidade já disse como publiquei

"A cinza das Horas" para de certo modo iludir o meu
sentimento de vazia inutilidade."

A provisoriedade parece ter dado ao poeta a abertura necessária para aceitar a própria condição, e exatamente na aceitação é que a resistência à morte fez-se possível até os 82 anos.

Em "Itinerário" Bandeira fala em coragem, paciência, humildade, alumbramento, mas também em presunção, personalidade, sentimentalismo e veleidades. Valores que se intercambiam apontando para uma (trans) formação do leitor confesso de maus e bons poetas, de modo a perceber o quanto de elaboração um poema recebe quando chega à consciência do poeta:

"Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias."
(1997:40)

Para mais adiante acrescentar:

"Mas ao mesmo tempo compreendi ainda antes de conhecer a lição de Mallarmé, que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com ideias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia." (1997:40)

Sentir(se) e conhecer(se) sugerem uma base para a experiência estética
configurar-se em obra.

Ao longo dessas memórias Bandeira vai deixando entrever ao leitor o quanto a "pequenês" das emoções subjetivas, quando aceitas, possibilitam transfigurar arrebatamentos em palavras num estado de poesia.

Nesta direção é que se pode ler uma "ética da alegria", de maneira a pontuar que a "sem razão" para vida faz manifestar a alegria de viver antecedente a qualquer influência exterior.

Em "O Exterior", ensaio da coletânea "Modos de saber, modos de adoecer" de Roberto Corrêa dos Santos, pontua-se acerca desta categoria:

"Será a cultura média a grande interessada em insistir na crença e na difusão da ideia da existência como a procura de identidade oculta e pessoal, constituída pelo que se chama de sentimento íntimo, vida interior. A arte burguesa é aquela que de algum modo crê e faz crer no interior como valor primeiro. Quanto mais o interior comanda os sentidos, menos arte (artifício)". (1999:54)

Ou de outro moço, as afecções sobre os afetos , comandando a arte burguesa. De certo jeito, enquanto Bandeira percebe-se "afeicionado", a melancolia e a ausência são traços marcantes em sua obra e sem ser linear ou progressivo a porosidade trazida pelo reconhecimento da inutilidade da vida e a certeza da morte- em algum momento ao menos - criaram brechas para a mudança de estilo passando a integrar o grupo dos modernistas.

III - Da Alegria

Em estudo sobre a alegria, Clément Rosset, filósofo, escritor, professor e autodenominado terapeuta, intitulado "**Alegria: A força maior**", com ensaio quase homônimo (A força maior) analisa o caráter totalitário e paradoxal da alegria. E para o primeiro expõe:

"Há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral." (2002:7)

Essa indiferença a um fato preciso que justifique a alegria, em realidade revela o caráter integrativo do homem alegre com a existência, sem desconsiderar as dissonâncias e os desencaixes. Oswald de Andrade, em outras palavras, em seu manifesto antropofágico declarou: "A alegria é a prova dos nove". É nesse espírito que o Modernismo pode romper com uma tradição melancólica para dar continuidade a essa mesma tradição que buscava por vias diferentes afirmar a existência, fosse de um país, de uma cultura, de uma mentalidade, ou de uma simples manifestação local ou particular. Quanto ao caráter paradoxal da alegria desenvolve o filósofo (Rosset): "A alegria é um regozijo incondicional da existência e a propósito da existência; ora, não há nada menos jador do que a existência." (2002:22)

Ou seja, buscar qualquer "razão" para justificar a alegria de viver é insustentável, se considerarmos a provisoriedade e a sem razão da existência.

No entanto, essa atitude de aprovação incondicional não despreza os contentamentos circunstanciais, porém reconhece-lhes o aspecto finito. Deste ponto de vista, a alegria coincide com a tragicidade da vida e busca o saber e a consciência da realidade. Ora, pode-se pensar que o Modernismo em sua expressão poética buscou conhecer a realidade brasileira, ao menos aquela que parecia estar voltada para a condição de atraso cultural, investigando e escancarando os supostos motivos de uma brasilidade comedida, até mesmo

dentro do monumental caráter romântico dado aos elementos constituintes de nossa cultura na forma das artes em geral, daquele momento anterior.

O desatino da "ética da alegria" em Bandeira reside no fato de, em consciente da realidade particular e social (leia-se existencial), como sua obra em diversos textos manifestou ser afirmativa de uma realidade inócua porém digna deser poetizada ,porque aceita .

IV - Da (po)ética

"A cinza das horas", seu primeiro livro, vem marcado pelo uso e abuso das reticências (- esta pouca cinza fria ... ; eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto ... ; teu corpo é chama e flameja/ como à tarde os horizontes .. .) sugestão e evocação de um vago teor melancólico, tão impreciso quanto é a alegria de viver. Também em "Carnaval" e "Ritmo dissoluto" faz-se possível perceber tal recurso como prolongamento de imagens trazidas em alguns momentos pela memória e em outros, por uma emoção renitente.

No entanto, em "Na rua do sabão", por exemplo, encontra-se a crueldade da vida na distração infantil de meninos. Crueldade que deixa à vista a crueza da

existência humana e que encontra por vezes alegria no diminuto. Transcrevo parte

do poema:

"Cai cai balão

Cai cai balão

Na Rua do sabão!

O que custou arranjar balãozinho de papel!]Quem fez foi o filho da lavadeira.

Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.] Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos ...]

(...)

Levou tempo para criar fôlego. Bombeava, tremia todo e mudava de cor. A molecada da Rua do sabão.

Gritava com maldade!

Cai cai balão!(...)"

A cantaria ressonante da cantiga popular embala dissolutamente o prazer, por parte da molecada, em tentar estragar o prazer do tísico José ver seu balão subir. O poeta registra a consciência do canto não restrito ao aspecto encantatório, mas manifestação impregnada de intenções contrárias (assobios/apupos/pedradas). Contudo, ainda vê-se que são necessárias as águas puras do mar alto para de alguma maneira resistir - seja pelo balão, seja pelo próprio desejo - à plena aceitação do ritmo dissonante que é viver.

Com "Libertinagem" Bandeira muda o tom como também observou o crítico Italo Moriconi: "O movimento da tristeza para a alegria foi operado no interior da obra de Bandeira. Bandeira começou melancólico e penumbriado, cultivando estados, sentimentais e semimórbidos que refletiam o espírito do século anterior (..)" (2002:50)

A morte aqui como contingência do fato de se estar vivo ("poema tirado de uma notícia de jornal"; "Profundamente"; "Irene no céu") seja por escolha, no caso do suicídio, seja por constatação, "estão todos dormindo", ou pela mobilidade em que a existência se manifesta, - Licença, meu branco!, sem fantasmagorias ou sombras, apenas na simplicidade aparente do verso livre multiplicado em diferentes acentos rítmicos.

Incluso o estranhamento que aproxima ao em vez de ameaçar, inaugurando qual o nascimento uma outra percepção da realidade, como em os "Namorados" (*A menina brincou de novo nos olhos dela*) ou ainda, reconhecendo que o fato de não se acostumar com o corpo da namorada que parece uma lagarta listrada em nada modifica o desejo de namorar, em tom bem-humorado. O estranhamento igualo marcado pelo vocativo *Antonia*, sereno e de constatação nas duas primeiras chamadas, porém expansivo e conclusivo no último verso. "Namorados" em quem sabe como a vida, nada rima com nada, e no entanto, esse aspecto nem sempre é impeditivo de aproximações.

Já em "Pneumotórax" e "Poética" apresenta-se a efetiva libertação de qualquer peso melancólico que impeça a poesia de se manifestar, a partir da consciência de que não será uma descoberta, um recurso tecnológico ou um estímulo presumível, que possibilitará o

apreço maior pela vida, então, o que resta? *É tocar um tango argentino* ou aceitar que a marginalidade dos loucos, bêbados ou clow, está carregada de dor e consciência, mesmo parecendo desatinada. Sem pieguices ou cabotinagem, Bandeira pole o verso de solenidades diante da doença, da poesia ou da religiosidade ("Oração a Teresinha do Menino Jesus") perdi o jeito de sofrer/ ou essa/ . . .! Santa Teresa! Santa Teresa não, Teresinha ... onde bairro de moradia e a santa são íntimos do poeta, talvez porque esteja farto do lirismo comedido que sai em busca da recompensa da eternidade. Lirismo que ficou na memória de um garoto que uma oração de coisas não entendia bem e ainda acreditava que tudo lá pareciaregnado de eternidade. "A evocação do Recife" aprovação do passado já ido e inconsciência de um presente destituído de ilusões (Recife morte, Recife bom). E do mesmo modo, "Vou-me embora pra Pasárgada" não resulta numa evasão romântica de uma vida ideal, justa e melhor, ao contrário, o deslocamento para Pasárgada situa-se num lugar de situações mundanas onde o alto é o terreno e o baixo é o conseqüente. No entanto, essa inversão irônica em relação a qualquer aproximação da evasão romântica é provida de uma métrica mais regular, marcada pela repetição ~ote vou-me embora pra pasárgada.

Mas toda essa "ética da alegria" que se manifesta em sobriedade no verso está presente com tensões, como num combate contínuo, dia após dia com as próprias contradições, "Poema de finados", Ajoelha e reza uma oração.! Não pelo pai, mas pelo filho:! O filho tem mais precisão (. . .) O que resta de mim na vida / É a amargura do que sofri. Para focalizar principalmente "Libertinagem".

Tensão que procurou nessa obra, exemplarmente, confluir o tom pessoal,

subjetivo para o oceano social de poesia, superando - não por negligência - a

desgraça individual para acolher a vida em sua pluralidade.

V - Da (trans) formação:

Ler Bandeira, sejam seus poemas, cartas, críticas, discursos, crônicas ou memórias, é perceber a provisoriedade da vida nos variados eus e vozes que onstituem e se destituem na trajetória do homem, intelectual, poeta, amigo, professor, enfim, personalidade que com humildade vai se despersonalizando, e por isso mesmo mais marcante torna-se para o leitor.

Ler Bandeira é conhecer o leitor (trans)formado pela literatura, pela vida, nas relações sentidas que promoveram sentidos vários em sua obra. É ver o inacabamento contínuo na descontinuidade entre versos e fatos.

Ler Bandeira é uma experiência desafiadora porque ética que sensibiliza para criar uma outra estética de vida. Obra que decidiu aprovar a vida e a poesia mesmo quando aquela parecia ter-lhe desaprovado. É leitura corporal por isso formadora. Leitura do corpo doente que se cura; leitura de poesia que se transfigura; leitura sobre leitura.

VI - Bibliografia

1. ARRIGUCCI Jr, Davi. Humildade, Paixão e Morte. A poesia de Manuel Bandeira.

Companhia de Letras, 1990, São Paulo.

1. BANDEIRA, Manuel. Poesia Completa e prosa.

Editores Nova Aguilar S.A, 1997, Rio de Janeiro.

1. CHAUÍ, Marilena. Seminários.

Editores Brasiliense, 2ª ed, 1994, São Paulo.

4. LAR ROSA, Jorge. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y

formación.

Barcelona, Laertes S.A. de Ediciones, 1998.

5. MORICONI, Ítalo. A Poesia Brasileira no séc. XX.

Editora Objetiva, 2002, Rio de Janeiro.

6. PAZ, Otávio. Os filhos do Barro. Do romantismo à vanguarda.

Editora Nova Fronteira, 1984, Rio de Janeiro.

7. SANTOS, Roberto Correia do. Modos de saber, Modos de adoecer.

Editora UFMG, 1999, MG.

8. ROSENBAUM, Yudith. Manuel Bandeira: Uma Poesia de Ausência.

Edusp, 2002, São Paulo.

9. ROSSET, Clément. Alegria: A Força Maior.

Relume e Dumará, 2002, Rio de Janeiro.

Manuel Bandeira e alguma poética da alegria

Angeli Rose

RESUMO

O presente artigo apresenta um exercício de leitura de poemas selecionados do poeta Manuel Bandeira, tomando como referências Teóricas a teoria da leitura de Larrosa (1998) e o ensaio sobre a alegria de Rossel (2002). A alegria é tomada como uma categoria que se apresenta nestes textos do poeta brasileiro sob aspectos diferentes. Para tanto, considerarmos para a formação das almas as noções de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998) e as contribuições de parte da obra de Bandeira para desenvolver-se práticas pedagógicas em sala de aula.

Formação – alegria – leitura – poesia

I - Apresentação

“Não é preciso ninar a vida

para ser feliz dentro dela.”

(Mário de Andrade)

Este trabalho apresenta uma experiência de leitura de alguns textos da obra de Manuel Bandeira relacionada à vida cultural do período Modernista, de modo a sugerir a presença de uma "ética de alegria" na obra deste poeta, contribuição que pode ser vista como um aspecto relevante para a "formação das almas". Tal categoria apoia-se na concepção de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998).

II- Do Tema

Em "Poesia Brasileira do século XX", o professor e escritor Ítalo Mariconi ao apresentar o Modernismo e especificamente a poética de Manuel Bandeira, registra a virada do poeta, isto é, ressalta a mudança de atitude elaborada por Bandeira. Diz ele, depois de comentar que tanto Mário de Andrade, como Oswald de Andrade - formando o time de primeira ordem de fundação do movimento Modernista, antecedido por Augusto dos Anjos, - conseguiram dar um outro tom à poesia de então, passando de um estado de melancolia para o de euforia e alegria, e sobre Bandeira arremata:

"Porém, muito antes da perspectiva de cura, Bandeira deu a virada modernista no rumo da euforia e, no poema "Pneumotórax", consegue estabelecer um modelo ético de postura diante das desgraças, substituindo a autocomiseração choraminguenta e narcisista (no sentido negativo e improdutivo) pela afirmação da alegria de viver, mesmo dentro do infortúnio. Vale lembrar que pneumotórax era um tratamento doloridíssimo".(2002:51)

Da exposição do crítico sublinho a ideia de "ética" para sugerir um aspecto importante em sua obra e que de certa maneira pode destacar o quanto a presença de Manuel Bandeira se faz afirmativa na formação de leitores e transformação destes, entre todos os motivos já conhecidos que a crítica literária a ele conferiu.

O dado "extra-literário" e biográfico sobre a doença do poeta, a tuberculose, torna-se capital para situar não só o poeta mas o intelectual na vida literária modernista e contemporânea. Sem querer justificar a obra através da vida, faz-se legítima a referência particular na medida em que ela possibilita uma comunicação entre leitores, sejam de vida e de texto.

Em "Itinerário de Pasárgada", entre as memórias, o poeta esclarece depois de ter ouvido do médico (Dr. Bodmer) no sanatório em Clavadel que poderia viver "cinco, dez, quinze anos ... ":

"Continuei esperando a morte para qualquer
momento, vivendo sempre como que provisio-
amente. Nos primeiros anos da doença me amar-
gurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada;
depois a forçada ociosidade já disse como publiquei

"A cinza das Horas" para de certo modo iludir o meu
sentimento de vazia inutilidade."

A provisoriidade parece ter dado ao poeta a abertura necessária para aceitar a própria condição, e exatamente na aceitação é que a resistência à morte fez-se possível até os 82 anos.

Em "Itinerário" Bandeira fala em coragem, paciência, humildade, alumbramento, mas também em presunção, personalidade, sentimentalismo e veleidades. Valores que se intercambiam apontando para uma (trans) formação do leitor confesso de maus e bons poetas, de modo a perceber o quanto de elaboração um poema recebe quando chega à consciência do poeta:

"Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias."

(1997:40)

Para mais adiante acrescentar:

"Mas ao mesmo tempo compreendi ainda antes de conhecer a lição de Mallarmé, que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com ideias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia." (1997:40)

Sentir(se) e conhecer(se) sugerem uma base para a experiência estética

configurar-se em obra.

Ao longo dessas memórias Bandeira vai deixando entrever ao leitor o quanto a "pequenês" das emoções subjetivas, quando aceitas, possibilitam transfigurar arrebatamentos em palavras num estado de poesia.

Nesta direção é que se pode ler uma "ética da alegria", de maneira a pontuar que a "sem razão" para vida faz manifestar a alegria de viver antecedente a qualquer influência exterior.

Em "O Exterior", ensaio da coletânea "Modos de saber, modos de adoecer" de Roberto Corrêa dos Santos, pontua-se acerca desta categoria:

"Será a cultura média a grande interessada em insistir na crença e na difusão da ideia da existência como a procura de identidade oculta e pessoal, constituída pelo que se chama de sentimento íntimo, vida interior. A arte burguesa é aquela que de algum modo crê e faz crer no interior como valor primeiro. Quanto mais o interior comanda os sentidos, menos arte (artifício)". (1999:54)

Ou de outro moço, as afecções sobre os afetos, comandando a arte burguesa. De certo jeito, enquanto Bandeira percebe-se "afeicionado", a melancolia e a ausência são traços marcantes em sua obra e sem ser linear ou progressivo a porosidade trazida pelo reconhecimento da inutilidade da vida e a certeza da morte- em algum momento ao menos - criaram brechas para a mudança de estilo passando a integrar o grupo dos modernistas.

III - Da Alegria

Em estudo sobre a alegria, Clément Rosset, filósofo, escritor, professor e autodenominado terapeuta, intitulado "**Alegria: A força maior**", com ensaio quase homônimo (A força maior) analisa o caráter totalitário e paradoxal da alegria. E para o primeiro expõe:

"Há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral." (2002:7)

Essa indiferença a um fato preciso que justifique a alegria, em realidade revela o caráter integrativo do homem alegre com a existência, sem desconsiderar as dissonâncias e os desencaixes. Oswald de Andrade, em outras palavras, em seu manifesto antropofágico declarou: "A alegria é a prova dos nove". E é nesse espírito que o Modernismo pode romper com uma tradição melancólica para dar continuidade a essa mesma tradição que buscava por vias diferentes afirmar a existência, fosse de um país, de uma cultura, de uma mentalidade, ou de uma simples manifestação local ou particular. Quanto ao caráter paradoxal da alegria desenvolve o filósofo (Rosset): "A alegria é um regozijo incondicional da existência e a propósito da existência; ora, não há nada menos jador do que a existência." (2002:22)

Ou seja, buscar qualquer "razão" para justificar a alegria de viver é insustentável, se considerarmos a provisoriedade e a sem razão da existência.

No entanto, essa atitude de aprovação incondicional não despreza os contentamentos circunstanciais, porém reconhece-lhes o aspecto finito. Deste ponto de vista, a alegria coincide com a tragicidade da vida e busca o saber e a consciência da realidade. Ora, pode-se pensar que o Modernismo em sua expressão poética buscou conhecer a realidade brasileira, ao menos aquela que parecia estar voltada para a condição de atraso cultural, investigando e escancarando os supostos motivos de uma brasilidade comedida, até mesmo dentro do monumental caráter romântico dado aos elementos constituintes de nossa cultura na forma das artes em geral, daquele momento anterior.

O desatino da "ética da alegria" em Bandeira reside no fato de, em consciente da realidade particular e social (leia-se existencial), como sua obra em diversos textos manifestou ser afirmativa de uma realidade inócua porém digna de ser poetizada, porque aceita.

IV - Da (po)ética

"A cinza das horas", seu primeiro livro, vem marcado pelo uso e abuso das reticências (- esta pouca cinza fria ... ; eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto ... ; teu corpo é chama e flameja/ como à tarde os horizontes .. .) sugestão e evocação de um vago teor melancólico, tão impreciso quanto é a alegria de viver. Também em "Carnaval" e "Ritmo dissoluto" faz-se possível perceber tal recurso como prolongamento de imagens trazidas em alguns momentos pela memória e em outros, por uma emoção renitente.

No entanto, em "Na rua do sabão", por exemplo, encontra-se a crueldade da vida na distração infantil de meninos. Crueldade que deixa à vista a crueza da

existência humana e que encontra por vezes alegria no diminuto. Transcrevo parte

do poema:

"Cai cai balão

Cai cai balão

Na Rua do sabão!

O que custou arranjar balãozinho de papel!]Quem fez foi o filho da lavadeira.

Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.] Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos ...]

(...)

Levou tempo para criar fôlego. Bombeava, tremia todo e mudava de cor. A molecada da Rua do sabão.

Gritava com maldade!

Cai cai balão!(...)"

A cantaria ressonante da cantiga popular embala dissolutamente o prazer, por parte da molecada, em tentar estragar o prazer do tísico José ver seu balão subir. O poeta registra a

consciência do canto não restrito ao aspecto encantatório, mas manifestação impregnada de intenções contrárias (assobios/apupos/pedradas). Contudo, ainda vê-se que são necessárias as águas puras do mar alto para de alguma maneira resistir - seja pelo balão, seja pelo próprio desejo - à plena aceitação do ritmo dissonante que é viver.

Com "Libertinagem" Bandeira muda o tom como também observou o crítico Italo Moriconi: "O movimento da tristeza para a alegria foi operado no interior da obra de Bandeira. Bandeira começou melancólico e penumbrioso, cultivando estados, sentimentais e semimórbidos que refletiam o espírito do século anterior (..)" (2002:50)

A morte aqui como contingência do fato de se estar vivo ("poema tirado de uma notícia de jornal"; "Profundamente"; "Irene no céu") seja por escolha, no caso do suicídio, seja por constatação, "estão todos dormindo", ou pela mobilidade em que a existência se manifesta, - Licença, meu branco!, sem fantasmagorias ou sombras, apenas na simplicidade aparente do verso livre multiplicado em diferentes acentos rítmicos.

Incluso o estranhamento que aproxima ao em vez de ameaçar, inaugurando qual o nascimento uma outra percepção da realidade, como em os "Namorados" (*A menina brincou de novo nos olhos dela*) ou ainda, reconhecendo que o fato de não se acostumar com o corpo da namorada que parece uma lagarta listrada em nada modifica o desejo de namorar, em tom bem-humorado. O estranhamento igualo marcado pelo vocativo *Antonia*, sereno e de constatação nas duas primeiras chamadas, porém expansivo e conclusivo no último verso. "Namorados" em quem sabe como a vida, nada rima com nada, e no entanto, esse aspecto nem sempre é impeditivo de aproximações.

Já em "Pneumotórax" e "Poética" apresenta-se a efetiva libertação de qualquer peso melancólico que impeça a poesia de se manifestar, a partir da consciência de que não será uma descoberta, um recurso tecnológico ou um estímulo presumível, que possibilitará o apreço maior pela vida, então, o que resta? *É tocar um tango argentino* ou aceitar que a marginalidade dos loucos, bêbados ou clow, está carregada de dor e consciência, mesmo parecendo desatinada. Sem pieguices ou cabotinagem, Bandeira põe o verso de solenidades diante da doença, da poesia ou da religiosidade ("Oração a Teresinha do Menino Jesus") perdi o jeito de sofrer/ ou essa/ ..! Santa Teresa!/ Santa Teresa não, Teresinha ... onde bairro de moradia e a santa são íntimos do poeta, talvez porque esteja farto do lirismo comedido que sai em busca da recompensa da eternidade. Lirismo que ficou na memória de um garoto que uma oração de coisas não entendia bem e ainda acreditava que tudo lá pareciaregnado de eternidade. "A evocação do Recife" aprovação do passado já ido e inconsciência de um

presente destituído de ilusões (Recife morte, Recife bom). E do mesmo modo, "Vou-me embora pra Pasárgada" não resulta numa evasão romântica de uma vida ideal, justa e melhor, ao contrário, o deslocamento para Pasárgada situa-se num lugar de situações mundanas onde o alto é o terreno e o baixo é o conseqüente. No entanto, essa inversão irônica em relação a qualquer aproximação da evasão romântica é provida de uma métrica mais regular, marcada pela repetição ~ote vou-me embora pra pasárgada.

Mas toda essa "ética da alegria" que se manifesta em sobriedade no verso está presente com tensões, como num combate contínuo, dia após dia com as próprias contradições, "Poema de finados", Ajoelha e reza uma oração.! Não pelo pai, mas pelo filho:! O filho tem mais precisão (. . .) O que resta de mim na vida / É a amargura do que sofri. Para focalizar principalmente "Libertinagem".

Tensão que procurou nessa obra, exemplarmente, confluir o tom pessoal,

subjetivo para o oceano social de poesia, superando - não por negligência - a

desgraça individual para acolher a vida em sua pluralidade.

V - Da (trans) formação:

Ler Bandeira, sejam seus poemas, cartas, críticas, discursos, crônicas ou memórias, é perceber a provisoriedade da vida nos variados eus e vozes que onstituem e se destituem na trajetória do homem, intelectual, poeta, amigo, professor, enfim, personalidade que com humildade vai se despersonalizando, e por isso mesmo mais marcante torna-se para o leitor.

Ler Bandeira é conhecer o leitor (trans)formado pela literatura, pela vida, nas relações sentidas que promoveram sentidos vários em sua obra. É ver o inacabamento contínuo na descontinuidade entre versos e fatos.

Ler Bandeira é uma experiência desafiadora porque ética que sensibiliza para criar uma outra estética de vida. Obra que decidiu aprovar a vida e a poesia mesmo quando aquela parecia ter-lhe desaprovado. É leitura corporal por isso formadora. Leitura do corpo doente que se cura; leitura de poesia que se transfigura; leitura sobre leitura.

VI - Bibliografia

1. ARRIGUCCI Jr, Davi. Humildade, Paixão e Morte. A poesia de Manuel Bandeira.

Companhia de Letras, 1990, São Paulo.

1. BANDEIRA, Manuel. Poesia Completa e prosa.

Editora Nova Aguilar S.A, 1997, Rio de Janeiro.

1. CHAUÍ, Marilena. Seminários.

Editora Brasiliense, 2a de, 1994, São Paulo.

4. LAR ROSA, Jorge. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación.

Barcelona, Laertes S.A. de Ediciones, 1998.

5. MORICONI, Ítalo. A Poesia Brasileira no séc. XX.

Editora Objetiva, 2002, Rio de Janeiro.

6. PAZ, Otávio. Os filhos do Barro. Do romantismo à vanguarda.

Editora Nova Fronteira, 1984, Rio de Janeiro.

7. SANTOS, Roberto Correia do. Modos de saber, Modos de adoecer.

Editora UFMG, 1999, MG.

8.ROSENBAUM, Yudith. Manuel Bandeira: Uma Poesia de Ausência.

Edusp, 2002, São Paulo.

9.ROSSET, Clément. Alegria: A Força Maior.

Relume e Dumará, 2002, Rio de Janeiro.

Manuel Bandeira e alguma poética da alegria

Angeli Rose

RESUMO

O presente artigo apresenta um exercício de leitura de poemas selecionados do poeta Manuel Bandeira, tomando como referências Teóricas a teoria da leitura de Larrosa (1998) e o ensaio sobre a alegria de Rossel (2002). A alegria é tomada como uma categoria que se apresenta nestes textos do poeta brasileiro sob aspectos diferentes. Para tanto, considerarmos para a formação das almas as noções de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998) e as contribuições de parte da obra de Bandeira para desenvolver-se práticas pedagógicas em sala de aula.

Formação – alegria – leitura – poesia

I - Apresentação

“Não é preciso ninar a vida

para ser feliz dentro dela.”

(Mário de Andrade)

Este trabalho apresenta uma experiência de leitura de alguns textos da obra de Manuel Bandeira relacionada à vida cultural do período Modernista, de modo a sugerir a presença de

uma "ética de alegria" na obra deste poeta, contribuição que pode ser vista como um aspecto relevante para a "formação das almas". Tal categoria apoia-se na concepção de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998).

II- Do Tema

Em "Poesia Brasileira do século XX", o professor e escritor Ítalo Mariconi ao apresentar o Modernismo e especificamente a poética de Manuel Bandeira, registra a virada do poeta, isto é, ressalta a mudança de atitude elaborada por Bandeira. Diz ele, depois de comentar que tanto Mário de Andrade, como Oswald de Andrade - formando o time de primeira ordem de fundação do movimento Modernista, antecedido por Augusto dos Anjos, - conseguiram dar um outro tom à poesia de então, passando de um estado de melancolia para o de euforia e alegria, e sobre Bandeira arremata:

"Porém, muito antes da perspectiva de cura, Bandeira deu a virada modernista no rumo da euforia e, no poema "Pneumotórax", consegue estabelecer um modelo ético de postura diante das desgraças, substituindo a autocomiseração choraminguenta e narcisista (no sentido negativo e improdutivo) pela afirmação da alegria de viver, mesmo dentro do infortúnio. Vale lembrar que pneumotórax era um tratamento doloridíssimo".(2002:51)

Da exposição do crítico sublinho a ideia de "ética" para sugerir um aspecto importante em sua obra e que de certa maneira pode destacar o quanto a presença de Manuel Bandeira se faz afirmativa na formação de leitores e transformação destes, entre todos os motivos já conhecidos que a crítica literária a ele conferiu.

O dado "extra-literário" e biográfico sobre a doença do poeta, a tuberculose, torna-se capital para situar não só o poeta mas o intelectual na vida literária modernista e contemporânea. Sem querer justificar a obra através da vida, faz-se legítima a referência particular na medida em que ela possibilita uma comunicação entre leitores, sejam de vida e de texto.

Em "Itinerário de Pasárgada", entre as memórias, o poeta esclarece depois de ter ouvido do médico (Dr. Bodmer) no sanatório em Clavadel que poderia viver "cinco, dez, quinze anos ... ":

"Continuei esperando a morte para qualquer

momento, vivendo sempre como que provisio-
amente. Nos primeiros anos da doença me amar-
gurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada;
depois a forçada ociosidade já disse como publiquei
"A cinza das Horas" para de certo modo iludir o meu
sentimento de vazia inutilidade."

A provisoriedade parece ter dado ao poeta a abertura necessária para aceitar a própria condição, e exatamente na aceitação é que a resistência à morte fez-se possível até os 82 anos.

Em "Itinerário" Bandeira fala em coragem, paciência, humildade, alumbramento, mas também em presunção, personalidade, sentimentalismo e veleidades. Valores que se intercambiam apontando para uma (trans) formação do leitor confesso de maus e bons poetas, de modo a perceber o quanto de elaboração um poema recebe quando chega à consciência do poeta:

"Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias."
(1997:40)

Para mais adiante acrescentar:

"Mas ao mesmo tempo compreendi ainda antes de conhecer a lição de Mallarmé, que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com ideias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia." (1997:40)

Sentir(se) e conhecer(se) sugerem uma base para a experiência estética

configurar-se em obra.

Ao longo dessas memórias Bandeira vai deixando entrever ao leitor o quanto a "pequenês" das emoções subjetivas, quando aceitas, possibilitam transfigurar arrebatamentos em palavras num estado de poesia.

Nesta direção é que se pode ler uma "ética da alegria", de maneira a pontuar que a "sem razão" para vida faz manifestar a alegria de viver antecedente a qualquer influência exterior.

Em "O Exterior", ensaio da coletânea "Modos de saber, modos de adoecer" de Roberto Corrêa dos Santos, pontua-se acerca desta categoria:

"Será a cultura média a grande interessada em insistir na crença e na difusão da ideia da existência como a procura de identidade oculta e pessoal, constituída pelo que se chama de sentimento íntimo, vida interior. A arte burguesa é aquela que de algum modo crê e faz crer no interior como valor primeiro. Quanto mais o interior comanda os sentidos, menos arte (artifício)". (1999:54)

Ou de outro moço, as afecções sobre os afetos, comandando a arte burguesa. De certo jeito, enquanto Bandeira percebe-se "afeicionado", a melancolia e a ausência são traços marcantes em sua obra e sem ser linear ou progressivo a porosidade trazida pelo reconhecimento da inutilidade da vida e a certeza da morte- em algum momento ao menos - criaram brechas para a mudança de estilo passando a integrar o grupo dos modernistas.

III - Da Alegria

Em estudo sobre a alegria, Clément Rosset, filósofo, escritor, professor e autodenominado terapeuta, intitulado "**Alegria: A força maior**", com ensaio quase homônimo (A força maior) analisa o caráter totalitário e paradoxal da alegria. E para o primeiro expõe:

"Há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral." (2002:7)

Essa indiferença a um fato preciso que justifique a alegria, em realidade revela o caráter integrativo do homem alegre com a existência, sem desconsiderar as dissonâncias e os desencaixes. Oswald de Andrade, em outras palavras, em seu manifesto antropofágico declarou: "A alegria é a prova dos nove". E é nesse espírito que o Modernismo pode romper com uma tradição melancólica para dar continuidade a essa mesma tradição que buscava por vias diferentes afirmar a existência, fosse de um país, de uma cultura, de uma mentalidade, ou de uma simples manifestação local ou particular. Quanto ao caráter paradoxal da alegria desenvolve o filósofo (Rosset): "A alegria é um regozijo incondicional da existência e a propósito da existência; ora, não há nada menos jador do que a existência." (2002:22)

Ou seja, buscar qualquer "razão" para justificar a alegria de viver é insustentável, se considerarmos a provisoriedade e a sem razão da existência.

No entanto, essa atitude de aprovação incondicional não despreza os contentamentos circunstanciais, porém reconhece-lhes o aspecto finito. Deste ponto de vista, a alegria coincide com a tragicidade da vida e busca o saber e a consciência da realidade. Ora, pode-se pensar que o Modernismo em sua expressão poética buscou conhecer a realidade brasileira, ao menos aquela que parecia estar voltada para a condição de atraso cultural, investigando e escancarando os supostos motivos de uma brasilidade comedida, até mesmo dentro do monumental caráter romântico dado aos elementos constituintes de nossa cultura na forma das artes em geral, daquele momento anterior.

O desatino da "ética da alegria" em Bandeira reside no fato de, em consciente da realidade particular e social (leia-se existencial), como sua obra em diversos textos manifestou ser afirmativa de uma realidade inócua porém digna de ser poetizada, porque aceita.

IV - Da (po)ética

"A cinza das horas", seu primeiro livro, vem marcado pelo uso e abuso das reticências (- esta pouca cinza fria ... ; eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto ... ; teu corpo é chama e flameja/ como à tarde os horizontes ..) sugestão e evocação de um vago teor melancólico, tão impreciso quanto é a alegria de viver. Também em "Carnaval" e "Ritmo dissoluto" faz-se possível perceber tal recurso como prolongamento de imagens trazidas em alguns momentos pela memória e em outros, por uma emoção renitente.

No entanto, em "Na rua do sabão", por exemplo, encontra-se a crueldade da vida na distração infantil de meninos. Crueldade que deixa à vista a crueza da

existência humana e que encontra por vezes alegria no diminuto. Transcrevo parte

do poema:

"Cai cai balão

Cai cai balão

Na Rua do sabão!

O que custou arranjar balãozinho de papel!]Quem fez foi o filho da lavadeira.

Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.] Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos ...]

(...)

Levou tempo para criar fôlego. Bombeava, tremia todo e mudava de cor. A molecada da Rua do sabão.

Gritava com maldade!

Cai cai balão!(...)"

A cantaria ressonante da cantiga popular embala dissolutamente o prazer, por parte da molecada, em tentar estragar o prazer do físico José ver seu balão subir. O poeta registra a consciência do canto não restrito ao aspecto encantatório, mas manifestação impregnada de intenções contrárias (assobios/apupos/pedradas). Contudo, ainda vê-se que são necessárias as águas puras do mar alto para de alguma maneira resistir - seja pelo balão, seja pelo próprio desejo - à plena aceitação do ritmo dissonante que é viver.

Com "Libertinagem" Bandeira muda o tom como também observou o crítico Italo Moriconi: "O movimento da tristeza para a alegria foi operado no interior da obra de Bandeira. Bandeira

começou melancólico e penumbrioso, cultivando estados, sentimentais e semimórbidos que refletiam o espírito do século anterior (. . .)" (2002:50)

A morte aqui como contingência do fato de se estar vivo ("poema tirado de uma notícia de jornal"; "Profundamente"; "Irene no céu") seja por escolha, no caso do suicídio, seja por constatação, "estão todos dormindo", ou pela mobilidade em que a existência se manifesta, - Licença, meu branco!, sem fantasmagorias ou sombras, apenas na simplicidade aparente do verso livre multiplicado em diferentes acentos rítmicos.

Incluso o estranhamento que aproxima ao em vez de ameaçar, inaugurando qual o nascimento uma outra percepção da realidade, como em os "Namorados" (*A menina brincou de novo nos olhos dela*) ou ainda, reconhecendo que o fato de não se acostumar com o corpo da namorada que parece uma lagarta listrada em nada modifica o desejo de namorar, em tom bem-humorado. Estranhamento igualo marcado pelo vocativo *Antonia*, sereno e de constatação nas duas primeiras chamadas, porém expansivo e conclusivo no último verso. "Namorados" em quem sabe como a vida, nada rima com nada, e no entanto, esse aspecto nem sempre é impeditivo de aproximações.

Já em "Pneumotórax" e "Poética" apresenta-se a efetiva libertação de qualquer peso melancólico que impeça a poesia de se manifestar, a partir da consciência de que não será uma descoberta, um recurso tecnológico ou um estímulo presumível, que possibilitará o apreço maior pela vida, então, o que resta? *É tocar um tango argentino* ou aceitar que a marginalidade dos loucos, bêbados ou clow, está carregada de dor e consciência, mesmo parecendo desatinada. Sem pieguices ou cabotinagem, Bandeira pole o verso de solenidades diante da doença, da poesia ou da religiosidade ("Oração a Teresinha do Menino Jesus") perdi o jeito de sofrer/ ou essa/ . . .! Santa Teresa!/ Santa Teresa não, Teresinha ... onde bairro de moradia e a santa são íntimos do poeta, talvez porque esteja farto do lirismo comedido que sai em busca da recompensa da eternidade. Lirismo que ficou na memória de um garoto que uma oração de coisas não entendia bem e ainda acreditava que tudo lá pareciaregnado de eternidade. "A evocação do Recife" aprovação do passado já ido e inconsciência de um presente destituído de ilusões (Recife morte, Recife bom). E do mesmo modo, "Vou-me embora pra Pasárgada" não resulta numa evasão romântica de uma vida ideal, justa e melhor, ao contrário, o deslocamento para Pasárgada situa-se num lugar de situações mundanas onde o alto é o terreno e o baixo é o conseqüente. No entanto, essa inversão irônica em relação a qualquer aproximação da evasão romântica é provida de uma métrica mais regular, marcada pela repetição ~ote vou-me embora pra pasárgada.

Mas toda essa "ética da alegria" que se manifesta em sobriedade no verso está presente com tensões, como num combate contínuo, dia após dia com as próprias contradições, "Poema de finados", Ajoelha e reza uma oração.! Não pelo pai, mas pelo filho:! O filho tem mais precisão (. . .) O que resta de mim na vida / É a amargura do que sofri. Para focalizar principalmente "Libertinagem".

Tensão que procurou nessa obra, exemplarmente, confluir o tom pessoal, subjetivo para o oceano social de poesia, superando - não por negligência - a desgraça individual para acolher a vida em sua pluralidade.

V - Da (trans) formação:

Ler Bandeira, sejam seus poemas, cartas, críticas, discursos, crônicas ou memórias, é perceber a provisoriedade da vida nos variados eus e vozes que onstituem e se destituem na trajetória do homem, intelectual, poeta, amigo, rofessor, enfim, personalidade que com humildade vai se despersonalizando, e por isso mesmo mais marcante torna-se para o leitor.

Ler Bandeira é conhecer o leitor (trans)formado pela literatura, pela vida, nas relações sentidas que promoveram sentidos vários em sua obra. É ver o inacabamento contínuo na descontinuidade entre versos e fatos.

Ler Bandeira é uma experiência desafiadora porque ética que sensibiliza para criar uma outra estética de vida. Obra que decidiu aprovar a vida e a poesia mesmo quando aquela parecia ter-lhe desaprovado. É leitura corporal por isso formadora. Leitura do corpo doente que se cura; leitura de poesia que se transfigura; leitura sobre leitura.

VI - Bibliografia

1. ARRIGUCCI Jr, Davi. Humildade, Paixão e Morte. A poesia de Manuel Bandeira.

Companhia de Letras, 1990, São Paulo.

1. BANDEIRA, Manuel. Poesia Completa e prosa.

Editora Nova Aguilar S.A, 1997, Rio de Janeiro.

1. CHAUÍ, Marilena. Seminários.

Editora Brasiliense, 2a de, 1994, São Paulo.

4. LAR ROSA, Jorge. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación.

Barcelona, Laertes S.A. de Ediciones, 1998.

5. MORICONI, Ítalo. A Poesia Brasileira no séc. XX.

Editora Objetiva, 2002, Rio de Janeiro.

6. PAZ, Otávio. Os filhos do Barro. Do romantismo à vanguarda.

Editora Nova Fronteira, 1984, Rio de Janeiro.

7. SANTOS, Roberto Correia do. Modos de saber, Modos de adoecer.

Editora UFMG, 1999, MG.

8. ROSENBAUM, Yudith. Manuel Bandeira: Uma Poesia de Ausência.

Edusp, 2002, São Paulo.

9. ROSSET, Clément. Alegria: A Força Maior.

Relume e Dumará, 2002, Rio de Janeiro.

Manuel Bandeira e alguma poética da alegria

Angeli Rose

RESUMO

O presente artigo apresenta um exercício de leitura de poemas selecionados do poeta Manuel Bandeira, tomando como referências Teóricas a teoria da leitura de Larrosa (1998) e o ensaio sobre a alegria de Rossel (2002). A alegria é tomada como uma categoria que se apresenta nestes textos do poeta brasileiro sob aspectos diferentes. Para tanto, considerarmos para a formação das almas as noções de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998) e as contribuições de parte da obra de Bandeira para desenvolver-se práticas pedagógicas em sala de aula.

Formação – alegria – leitura – poesia

I - Apresentação

“Não é preciso ninar a vida

para ser feliz dentro dela.”

(Mário de Andrade)

Este trabalho apresenta uma experiência de leitura de alguns textos da obra de Manuel Bandeira relacionada à vida cultural do período Modernista, de modo a sugerir a presença de uma "ética de alegria" na obra deste poeta, contribuição que pode ser vista como um aspecto relevante para a "formação das almas". Tal categoria apoia-se na concepção de leitura como formação e formação como leitura (Larrosa, 1998).

II- Do Tema

Em "Poesia Brasileira do século XX", o professor e escritor Ítalo Mariconi ao apresentar o Modernismo e especificamente a poética de Manuel Bandeira, registra a virada do poeta, isto

é, ressalta a mudança de atitude elaborada por Bandeira. Diz ele, depois de comentar que tanto Mário de Andrade, como Oswald de Andrade - formando o time de primeira ordem de fundação do movimento Modernista, antecedido por Augusto dos Anjos, - conseguiram dar um outro tom à poesia de então, passando de um estado de melancolia para o de euforia e alegria, e sobre Bandeira arremata:

"Porém, muito antes da perspectiva de cura, Bandeira deu a virada modernista no rumo da euforia e, no poema "Pneumotórax", consegue estabelecer um modelo ético de postura diante das desgraças, substituindo a autocomiseração choraminguenta e narcisista (no sentido negativo e improdutivo) pela afirmação da alegria de viver, mesmo dentro do infortúnio. Vale lembrar que pneumotórax era um tratamento doloridíssimo".(2002:51)

Da exposição do crítico sublinho a ideia de "ética" para sugerir um aspecto importante em sua obra e que de certa maneira pode destacar o quanto a presença de Manuel Bandeira se faz afirmativa na formação de leitores e transformação destes, entre todos os motivos já conhecidos que a crítica literária a ele conferiu.

O dado "extra-literário" e biográfico sobre a doença do poeta, a tuberculose, torna-se capital para situar não só o poeta mas o intelectual na vida literária modernista e contemporânea. Sem querer justificar a obra através da vida, faz-se legítima a referência particular na medida em que ela possibilita uma comunicação entre leitores, sejam de vida e de texto.

Em "Itinerário de Pasárgada", entre as memórias, o poeta esclarece depois de ter ouvido do médico (Dr. Bodmer) no sanatório em Clavadel que poderia viver "cinco, dez, quinze anos ... ":

"Continuei esperando a morte para qualquer
momento, vivendo sempre como que provisio-
amente. Nos primeiros anos da doença me amar-
gurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada;
depois a forçada ociosidade já disse como publiquei

"A cinza das Horas" para de certo modo iludir o meu

sentimento de vazia inutilidade."

A provisoriedade parece ter dado ao poeta a abertura necessária para aceitar a própria condição, e exatamente na aceitação é que a resistência à morte fez-se possível até os 82 anos.

Em "Itinerário" Bandeira fala em coragem, paciência, humildade, alumbramento, mas também em presunção, personalidade, sentimentalismo e veleidades. Valores que se intercambiam apontando para uma (trans) formação do leitor confesso de maus e bons poetas, de modo a perceber o quanto de elaboração um poema recebe quando chega à consciência do poeta:

"Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias."
(1997:40)

Para mais adiante acrescentar:

"Mas ao mesmo tempo compreendi ainda antes de conhecer a lição de Mallarmé, que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com ideias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia." (1997:40)

Sentir(se) e conhecer(se) sugerem uma base para a experiência estética

configurar-se em obra.

Ao longo dessas memórias Bandeira vai deixando entrever ao leitor o quanto a "pequenês" das emoções subjetivas, quando aceitas, possibilitam transfigurar arrebatamentos em palavras num estado de poesia.

Nesta direção é que se pode ler uma "ética da alegria", de maneira a pontuar que a "sem razão" para vida faz manifestar a alegria de viver antecedente a qualquer influência exterior.

Em "O Exterior", ensaio da coletânea "Modos de saber, modos de adoecer" de Roberto Corrêa dos Santos, pontua-se acerca desta categoria:

"Será a cultura média a grande interessada em insistir na crença e na difusão da ideia da existência como a procura de identidade oculta e pessoal, constituída pelo que se chama de sentimento íntimo, vida interior. A arte burguesa é aquela que de algum modo crê e faz crer no interior como valor primeiro. Quanto mais o interior comanda os sentidos, menos arte (artifício)". (1999:54)

Ou de outro moço, as afecções sobre os afetos, comandando a arte burguesa. De certo jeito, enquanto Bandeira percebe-se "afeicionado", a melancolia e a ausência são traços marcantes em sua obra e sem ser linear ou progressivo a porosidade trazida pelo reconhecimento da inutilidade da vida e a certeza da morte- em algum momento ao menos - criaram brechas para a mudança de estilo passando a integrar o grupo dos modernistas.

III - Da Alegria

Em estudo sobre a alegria, Clément Rosset, filósofo, escritor, professor e autodenominado terapeuta, intitulado "**Alegria: A força maior**", com ensaio quase homônimo (A força maior) analisa o caráter totalitário e paradoxal da alegria. E para o primeiro expõe:

"Há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral." (2002:7)

Essa indiferença a um fato preciso que justifique a alegria, em realidade revela o caráter integrativo do homem alegre com a existência, sem desconsiderar as dissonâncias e os desencaixes. Oswald de Andrade, em outras palavras, em seu manifesto antropofágico declarou: "A alegria é a prova dos nove". E é nesse espírito que o Modernismo pode romper com uma tradição melancólica para dar continuidade a essa mesma tradição que buscava por

vias diferentes afirmar a existência, fosse de um país, de uma cultura, de uma mentalidade, ou de uma simples manifestação local ou particular. Quanto ao caráter paradoxal da alegria desenvolve o filósofo (Rosset): "A alegria é um regozijo incondicional da existência e a propósito da existência; ora, não há nada menos jador do que a existência." (2002:22)

Ou seja, buscar qualquer "razão" para justificar a alegria de viver é insustentável, se considerarmos a provisoriedade e a sem razão da existência.

No entanto, essa atitude de aprovação incondicional não despreza os contentamentos circunstanciais, porém reconhece-lhes o aspecto finito. Deste ponto de vista, a alegria coincide com a tragicidade da vida e busca o saber e a consciência da realidade. Ora, pode-se pensar que o Modernismo em sua expressão poética buscou conhecer a realidade brasileira, ao menos aquela que parecia estar voltada para a condição de atraso cultural, investigando e escancarando os supostos motivos de uma brasilidade comedida, até mesmo dentro do monumental caráter romântico dado aos elementos constituintes de nossa cultura na forma das artes em geral, daquele momento anterior.

O desatino da "ética da alegria" em Bandeira reside no fato de, em consciente da realidade particular e social (leia-se existencial), como sua obra em diversos textos manifestou ser afirmativa de uma realidade inócua porém digna de ser poetizada, porque aceita.

IV - Da (po)ética

"A cinza das horas", seu primeiro livro, vem marcado pelo uso e abuso das reticências (- esta pouca cinza fria ... ; eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto ... ; teu corpo é chama e flameja/ como à tarde os horizontes ..) sugestão e evocação de um vago teor melancólico, tão impreciso quanto é a alegria de viver. Também em "Carnaval" e "Ritmo dissoluto" faz-se possível perceber tal recurso como prolongamento de imagens trazidas em alguns momentos pela memória e em outros, por uma emoção renitente.

No entanto, em "Na rua do sabão", por exemplo, encontra-se a crueldade da vida na distração infantil de meninos. Crueldade que deixa à vista a cruza da

existência humana e que encontra por vezes alegria no diminuto. Transcrevo parte

do poema:

"Cai cai balão

Cai cai balão

Na Rua do sabão!

O que custou arranjar balãozinho de papel!]Quem fez foi o filho da lavadeira.

Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.] Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos ...]

(...)

Levou tempo para criar fôlego. Bombeava, tremia todo e mudava de cor. A molecada da Rua do sabão.

Gritava com maldade!

Cai cai balão!(...)"

A cantaria ressonante da cantiga popular embala dissolutamente o prazer, por parte da molecada, em tentar estragar o prazer do tísico José ver seu balão subir. O poeta registra a consciência do canto não restrito ao aspecto encantatório, mas manifestação impregnada de intenções contrárias (assobios/apupos/pedradas). Contudo, ainda vê-se que são necessárias as águas puras do mar alto para de alguma maneira resistir - seja pelo balão, seja pelo próprio desejo - à plena aceitação do ritmo dissonante que é viver.

Com "Libertinagem" Bandeira muda o tom como também observou o crítico Italo Moriconi: "O movimento da tristeza para a alegria foi operado no interior da obra de Bandeira. Bandeira começou melancólico e penumbriista, cultivando estados, sentimentais e semimórbidos que refletiam o espírito do século anterior (..)" (2002:50)

A morte aqui como contingência do fato de se estar vivo ("poema tirado de uma notícia de jornal"; "Profundamente"; "Irene no céu") seja por escolha, no caso do suicídio, seja por constatação, "estão todos dormindo", ou pela mobilidade em que a existência se manifesta, - Licença, meu branco!, sem fantasmagorias ou sombras, apenas na simplicidade aparente do verso livre multiplicado em diferentes acentos rítmicos.

Incluso o estranhamento que aproxima ao em vez de ameaçar, inaugurando qual o nascimento uma outra percepção da realidade, como em os "Namorados" (*A menina brincou de novo nos olhos dela*) ou ainda, reconhecendo que o fato de não se acostumar com o corpo da namorada que parece uma lagarta listrada em nada modifica o desejo de namorar, em tom bem-humorado. O estranhamento igualo marcado pelo vocativo *Antonia*, sereno e de constatação nas duas primeiras chamadas, porém expansivo e conclusivo no último verso. "Namorados" em quem sabe como a vida, nada rima com nada, e no entanto, esse aspecto nem sempre é impeditivo de aproximações.

Já em "Pneumotórax" e "Poética" apresenta-se a efetiva libertação de qualquer peso melancólico que impeça a poesia de se manifestar, a partir da consciência de que não será uma descoberta, um recurso tecnológico ou um estímulo presumível, que possibilitará o apreço maior pela vida, então, o que resta? *É tocar um tango argentino* ou aceitar que a marginalidade dos loucos, bêbados ou clow, está carregada de dor e consciência, mesmo parecendo desatinada. Sem pieguices ou cabotinagem, Bandeira pole o verso de solenidades diante da doença, da poesia ou da religiosidade ("Oração a Teresinha do Menino Jesus") perdi o jeito de sofrer/ ou essa/ . . .! Santa Teresa!! Santa Teresa não, Teresinha ... onde bairro de moradia e a santa são íntimos do poeta, talvez porque esteja farto do lirismo comedido que sai em busca da recompensa da eternidade. Lirismo que ficou na memória de um garoto que uma oração de coisas não entendia bem e ainda acreditava que tudo lá pareciaregnado de eternidade. "A evocação do Recife" aprovação do passado já ido e inconsciência de um presente destituído de ilusões (Recife morte, Recife bom). E do mesmo modo, "Vou-me embora pra Pasárgada" não resulta numa evasão romântica de uma vida ideal, justa e melhor, ao contrário, o deslocamento para Pasárgada situa-se num lugar de situações mundanas onde o alto é o terreno e o baixo é o conseqüente. No entanto, essa inversão irônica em relação a qualquer aproximação da evasão romântica é provida de uma métrica mais regular, marcada pela repetição ~ote vou-me embora pra pasárgada.

Mas toda essa "ética da alegria" que se manifesta em sobriedade no verso está presente com tensões, como num combate contínuo, dia após dia com as próprias contradições, "Poema de finados", Ajoelha e reza uma oração. Não pelo pai, mas pelo filho: O filho tem mais precisão (. . .) O que resta de mim na vida / É a amargura do que sofri. Para focalizar principalmente "Libertinagem".

Tensão que procurou nessa obra, exemplarmente, confluir o tom pessoal,

subjetivo para o oceano social de poesia, superando - não por negligência - a

desgraça individual para acolher a vida em sua pluralidade.

V - Da (trans) formação:

Ler Bandeira, sejam seus poemas, cartas, críticas, discursos, crônicas ou memórias, é perceber a provisoriedade da vida nos variados eus e vozes que onstituem e se destituem na trajetória do homem, intelectual, poeta, amigo, professor, enfim, personalidade que com humildade vai se despersonalizando, e por isso mesmo mais marcante torna-se para o leitor.

Ler Bandeira é conhecer o leitor (trans)formado pela literatura, pela vida, nas relações sentidas que promoveram sentidos vários em sua obra. É ver o inacabamento contínuo na descontinuidade entre versos e fatos.

Ler Bandeira é uma experiência desafiadora porque ética que sensibiliza para criar uma outra estética de vida. Obra que decidiu aprovar a vida e a poesia mesmo quando aquela parecia ter-lhe desaprovado. É leitura corporal por isso formadora. Leitura do corpo doente que se cura; leitura de poesia que se transfigura; leitura sobre leitura.

VI - Bibliografia

1. ARRIGUCCI Jr, Davi. Humildade, Paixão e Morte. A poesia de Manuel Bandeira.

Companhia de Letras, 1990, São Paulo.

1. BANDEIRA, Manuel. Poesia Completa e prosa.

Editores Nova Aguilar S.A, 1997, Rio de Janeiro.

1. CHAUÍ, Marilena. Seminários.

Editora Brasiliense, 2a de, 1994, São Paulo.

4. LAR ROSA, Jorge. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación.

Barcelona, Laertes S.A. de Ediciones, 1998.

5. MORICONI, Ítalo. A Poesia Brasileira no séc. XX.

Editora Objetiva, 2002, Rio de Janeiro.

6. PAZ, Otávio. Os filhos do Barro. Do romantismo à vanguarda.

Editora Nova Fronteira, 1984, Rio de Janeiro.

7. SANTOS, Roberto Correia do. Modos de saber, Modos de adoecer.

Editora UFMG, 1999, MG.

8. ROSENBAUM, Yudith. Manuel Bandeira: Uma Poesia de Ausência.

Edusp, 2002, São Paulo.

9. ROSSET, Clément. Alegria: A Força Maior.

Relume e Dumará, 2002, Rio de Janeiro.